

A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES

KATARINA MARTINS FERREIRA¹; ANA PAULA MENNA ALVES;² JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – katarina.martinsf@protonmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aninhapaulamennaalves.apma13@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste resumo, apresentamos o trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa na segunda etapa da investigação, durante o semestre de 2024/1, que compreende em estudar o método da cartografia como prática de pesquisa na perspectiva filosófica deleuzo-guattariana. O projeto, a qual nos referimos, é desenvolvido na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e intitula-se *Subjetividades docentes em tempos de caos: criações*. Tem como embasamento teórico as obras de DELEUZE (1987), DELEUZE e GUATTARI (1995; 2010) e CORAZZA (2013). O objetivo é investigar os processos de criação docente e as práticas pedagógicas no contexto da pandemia, surgindo o Ensino Remoto Emergencial (ERE), e como isso afetou suas subjetividades. Como problema de pesquisa, questionamos: como a pandemia afetou a prática docente? Em relação à metodologia, a pesquisa se orienta em duas etapas, sendo a primeira sobre como as práticas docentes foram afetadas durante o ERE, e a segunda etapa tem por propósito mapear os processos inventivos docentes. A pesquisa acontece no *Ateliê de estudos e pesquisa: docência, diferença e subjetividades (ATEPDif)* (instagram: @ateliê_deestudos). Em relação à primeira etapa da pesquisa, já finalizada, o grupo produziu e publicou dois artigos científicos: *A docência em tempos de caos: efeitos da pandemia nas práticas pedagógicas* (SILVA; SCHWANTZ, 2024) tratando sobre o modo com que a pandemia afetou as subjetividades e a prática docente na época do ERE; e o outro: *A docência em contexto pandêmico e os impactos na subjetividade* (GONÇALVES; ALVES e SCHWANTZ, 2024). Percebeu-se como essas práticas impactaram não somente a prática pedagógica dos professores mas, também, a autoimagem e a sua compreensão enquanto agente social. Neste semestre, o grupo se ocupa em estudar sobre métodos de pesquisa inventivos como a cartografia, entendendo os processos de criação docente e seus modos de subjetivação. Como maneira de promover uma formação ao grupo e à comunidade, além dos estudos empreendidos no Ateliê, propomos a realização de uma ação de extensão intitulada *Cartografia, um território de encontros: experimentações metodológicas de pesquisa em educação*, que está acontecendo neste mês de setembro na FaE.

2. METODOLOGIA

Durante o semestre de 2024/1, realizamos algumas atividades no intuito de alcançar o propósito de compreender os princípios do método da cartografia e suas possibilidades no campo da Educação. Para isso, o grupo escolheu começar por alguns textos considerados importantes para este primeiro contato dos

estudantes com a abordagem cartográfica. A metodologia se baseou em leituras semanais de artigos e livros, que foram sendo sistematizados e discutidos no grupo.

Iniciamos a leitura com um artigo introdutório ao método da cartografia de pesquisa, denominado *Cartografia: uma outra forma de pesquisar* (BEDIN, 2014). A segunda leitura foi a do primeiro capítulo, *Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção* do livro *Pistas do método da cartografia* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012). Nossa terceira leitura do semestre foi do artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* (LARROSA, 2002). Esta foi uma leitura complementar aos outros textos para reforçar o nosso aporte teórico. A ação de extensão *Cartografia, um território de encontros*, com quatro encontros semanais, também está contribuindo para aprimorarmos os estudos sobre o método de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como discussão, apresentamos algumas implicações deste movimento de estudo e formação do grupo. A partir da leitura do texto introdutório ao método cartográfico, de Luciano Bedin, começamos discutindo sobre a importância das marcas deixadas pelo caminhar da pesquisa, a “sujeira” do método da cartografia, sobre como o pesquisador/a fica com marcas da própria pesquisa, como um pintor sujo de tinta. O autor narra um breve diálogo sobre o que é a cartografia: uma ciência geográfica de produzir mapas. Mas como que isso pode ser um método de pesquisa? O método de pesquisa da cartografia também se ocupa disso: produzir mapas. Delimitar um território. Só que, enquanto a geografia se preocupa em representar mapas de cidades, países, e assim por diante, a cartografia enquanto método de pesquisa se preocupa em acompanhar processos. É um método constituído de encontros, mas não apenas no sentido tradicional, com pessoas, mas, também, com livros, com algum lugar, alguma experiência; tudo aquilo que atravessa o pesquisador e o marca é um encontro.

As nossas discussões então se guiaram para o livro *Pistas do método da cartografia*, especificamente o primeiro capítulo, a *Pista 1*. Este capítulo trouxe algumas discussões interessantes: começando pela ideia de reversão do método onde o método tradicional de pesquisa advém do *Metá + Hódos*, que é um caminho traçado pelas metas, e no método da cartografia ocorre o contrário: o *Hódos + Metá*, onde as metas vão ser construídas ao longo do caminho da pesquisa. O pesquisador/a vai construindo os seus próprios passos ao longo do caminho, estando no seu próprio campo. Ademais, os autores também trazem a visão de Félix Guattari acerca da cartografia. Segundo o pensador, ela, como uma ação interventiva, é sempre clínico-política, ou seja, sempre se trata de algo que mexe com o coletivo enquanto dinâmica em um plano hiperconectivo. Para ele, a cartografia trabalha com a transversalidade, a qual é a interpenetração entre as diferentes forças comprometidas com a novidade, com a inovação e com as rupturas das lógicas. PASSOS (2009, p.27) afirma que “operar na transversalidade é considerar esse plano em que a realidade toda se comunica”. Dessa forma, a cartografia para Guattari é o acompanhamento do traçado de um plano cartesiano, o qual não se forma de maneira só vertical e horizontal, mas também transversalmente. No eixo Y estão as variáveis maiores (homem, adulto, heterossexual, branco, rico, etc) que se rebatem sobre as outras, o que gera um ideal de existência em contraposição às variáveis menores (mulher, criança, homossexual, negro, pobre, etc) que ficam no eixo X. Esse processo leva o nome

de Rebatimento, capaz hierarquizar as variáveis ao opor as diferenças. Algumas vezes, as variáveis menores conseguem se agrupar, ocorrendo um vetor de caotização, algo que foge do padrão conhecido, ao invés de um rebatimento. Esse processo se chama Caosmose e gera novos arranjos de produção da realidade. A cartografia, então, seria um método capaz de acompanhar e registrar esses processos.

Em relação ao estudo do artigo de Luciano Bedin, Cartografia: uma outra forma de pesquisar, é apresentado a ideia da sujeira da cartografia enquanto método, do não distanciamento do autor com a pesquisa e como ele vai construindo os dados; não os coletando, mas os produzindo. Para o autor, a cartografia é feita de encontros, relatando a importância e a essencialidade dos encontros: com materialidades, ideias e não apenas com pessoas. Encontros que vão atravessar o pesquisador, de quaisquer forma que for. Na mesma medida, o pesquisador/a deve estar aberto aos encontros, é necessário permitir tê-los, ser atravessado/a por eles. Para o método da cartografia, é necessário ter uma sensibilidade suspeita; é preciso estabelecer relações com aquilo que nos faz questionar.

Em relação ao estudo do texto *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, discutimos acerca do que é a experiência e sobre como hoje em dia as pessoas carecem dela; Ela é tudo aquilo que nos acontece, que nos atravessa, o que nos toca. Hoje em dia, porém, se passam muitas coisas, mas experienciar alguma coisa está cada vez mais rara, segundo Jorge Larrosa. A *antiexperiência* advém do fato que hoje em dia, temos muito fácil acesso a um mar de informações. A muitas opiniões diferentes e de todos os tipos. Também nos carece tempo, no mundo capitalista da produtividade, o que menos temos é tempo; e é o que nos mais é exigido. Trabalhamos em excesso e nos falta tempo para experienciar algo. A experiência não é entendida aqui como necessariamente uma coisa boa; por exemplo, tanto em línguas germânicas como nas latinas, a palavra remete a travessia e perigo. Mas, o elemento mais importante dela é seu potencial transformador.

Com o término do embasamento teórico do semestre de 2024/1, organizamos a ação de extensão no intuito de mapear os processos inventivos docentes, com práticas experimentais de pesquisa, escrita e leitura no campo da educação. Utilizaremos do método da cartografia para mapear e acompanhar esses processos, e os conceitos de LARROSA (2002) como base para nossas experimentações: a experiência.

4. CONCLUSÕES

O ATEPDif proporcionou encontros interessantes de estudo; o método da cartografia é inovador e fascinante. Ele proporciona um novo horizonte de possibilidades. A inovação desse projeto de pesquisa se dá nas possibilidades que essa forma de pesquisa nos proporciona. Para as ciências humanas, e especificamente para as Ciências Sociais, a possibilidade de não atingir um resultado final, mas sim de acompanhar um processo, tem sido muito valiosa. Por exemplo, acompanhar a trajetória de uma pessoa, de um grupo de pessoas. Seria igualmente útil para a área da Antropologia; ou para o campo da Ciência Política, acompanhar um processo eleitoral. São inúmeras as possibilidades. Como estudante de licenciatura, acredito ser indispensável para a área da Educação, podendo ser usado para acompanhar as experiências profissionais de professores ou dos alunos, da turma como um todo, de uma escola. Acompanhar

o processo de aprendizado de uma matéria. Enfim, acreditamos ser muito valioso enquanto método de pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDIA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 19-28, 2002. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 13 set. 2024.

CORAZZA, S. M. A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica. In: CORAZZA, S. M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013. p. 93 – 102.

COSTA, L. B. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar.** Revista Digital do LAV, Santa Maria. v. 7, n. 2, p. 66-77, 2014.

DELEUZE, G. **O ato de criação.** Trad. José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais, p. 4.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

GONÇALVES, M. S.; ALVES, A. P. M.; SCHWANTZ, J. W. A Docência em contexto pandêmico e os impactos na subjetividade. **Revista Semiárido De Visu**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 807–822, 2024. DOI: 10.31416/rsdv.v12i2.1062.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre, Editora Sulina, 2015.

SILVA, J. T.; SCHWANTZ, J. W. A docência em tempos de caos: efeitos da pandemia nas práticas pedagógicas. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. e29027, 2024. DOI: 10.34019/2447-5246.2024.v29.44211.